

O Diário de Ribeirão Preto

26/5/1985

E a CUT chega ao campo

Exatamente seis anos após a revolta dos bóias-frias de Guariba, que resultou um trabalhador morto, sessenta e oito feridos e uma onda de greves que se alastrou como um rastilho de pólvora da região de Ribeirão Preto para todo o Estado, a Central Única dos Trabalhadores consegue, finalmente, chegar ao campo. O poder de fogo da entidade, com trinta e cinco sindicatos de trabalhadores rurais, ainda é limitado. Essa pequena mas ruidosa estrutura, porém, jamais poderia ser imaginada até pouco tempo e faz os cutistas sonharem, agora, com um projeto bastante audacioso: transformar Ribeirão Preto, nos próximos anos, em uma espécie de "ABC Rural".

Os primeiros sintomas da aterrissagem da CUT — até então uma central basicamente urbana — nos canaviais do território mais rico da agricultura paulista puderam ser notados na greve dos cortadores de cana que terminou esta semana na região de Ribeirão Preto. Embora sem êxito, pela primeira vez desde o início dos movimentos de bóias-frias, em maio de 1984, os dirigentes e assessores da Central tiveram participação decisiva na organização e dividiram com a Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado (FERAESP), recém-filiada a CUT, o comando da greve, que chegou a parar cinquenta mil trabalhadores em 23 municípios.

"A aglutinação de novas correntes do pensamento político enriqueceu o debate e acabou com aquela imagem de que a CUT é um braço sindical do PT", imagina Lafaiete Pereira Biet, coordenador do Departamento Rural da entidade em São Paulo, que prevê novo crescimento em pouco tempo. Até o final do ano, segundo suas previsões, a CUT Rural terá cinquenta filiados e tentará dobrar esse número a médio prazo. A prioridade, assinala ele, é Ribeirão Preto, onde existem duzentos mil bóias-frias, "É um lugar onde o conflito da relação capital e trabalho é bem cristalino e onde pretendemos construir uma espécie de ABC Rural", anuncia o dirigente cutista.